



**ORTODOXIA de G. K. Chesterton**  
(Préface de Philip Yancey, Traduzido por Almiro Pisetta).  
São Paulo: Mundo Cristão, 2008.  
(263 páginas).

Depois de tantos livros recentes a favor do ateísmo, ler uma defesa da religião católica pode ser um desafio interessante, e acaba de ser publicado no Brasil um dos textos mais originais e vertiginosos que conheço sobre o assunto.

Trata-se de *Ortodoxia*, e foi escrito por Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) em 1908. Um século depois de sua aparição, o livro mantém todo o seu frescor e novidade.

Não digo “atualidade”, pois os adversários visados por Chesterton não são os mesmos que o catolicismo se empenha em atacar atualmente. Não há em *Ortodoxia* muita preocupação com a liberdade sexual, e naturalmente condenar os males da sociedade de consumo não era uma prioridade em 1908.

Claro, Chesterton investe contra as teorias de Charles Darwin (1809-1882) e as conseqüências que a crença no determinismo biológico pode trazer a nosso julgamento moral. Mas não está lutando, como os fundamentalistas e criacionistas de hoje, em nome da autoridade intocável de um livro sagrado.

O que torna *Ortodoxia* fascinante é que seu autor não apela a nenhum

dogmatismo para defender o dogma. Chesterton invoca apenas a sua intuição pessoal, o seu bom senso, a sua experiência da realidade...

E como sua intuição, seu bom senso, sua experiência da realidade não são os de um homem comum, mas de um poeta e ficcionista, Chesterton acaba produzindo uma obra espantosa, tão cheia de paradoxos, encantamentos e implausibilidades como um romance de ficção científica ou um conto de literatura fantástica.

Para defender a crença em Jesus e nos milagres, Chesterton resolve tomar o partido mais arriscado, mais delirante: afirma que também devemos acreditar em fadas e fantasmas. Cito um trecho característico:

Quando nos perguntamos por que os ovos se transformam em pássaros ou por que as frutas caem no outono, devemos responder exatamente como a fada madrinha responderia se Cinderela lhe perguntasse por que os ratos se transformaram em cavalos ou por que as roupas dela desapareceram depois da meia-noite. Devemos responder que é MÁGICA. Não é uma ‘lei’, pois não entendemos sua fórmula geral. Não é uma necessidade, pois, embora contemos com esse tipo de conhecimento na prática, não temos o direito de dizer que ele sempre deve acontecer.

Há aqui uma curiosa reviravolta religiosa por cima do ceticismo e das críticas dos filósofos ao princípio da causalidade. Como não há necessidade absoluta na existência do universo, tudo se torna encantado e implausível...

Certamente, a razão pode pouco se quiser combater esse tipo de argumentos; seria como escrever a contestação científica de um poema lírico. E, se Chesterton não convence seus leitores da sensatez da doutrina católica, é difícil ficar imune à expressão de seu imenso contentamento com o mundo.

É o contentamento de uma criança. Falando de Robinson Crusoe, Chesterton descreve a felicidade do naufrago em encontrar alguns objetos úteis entre os destroços do navio.

É um bom exercício, em horas vazias e desagradáveis do dia, olhar para qualquer coisa, a caixa para carvão ou a estante de livros, e pensar que alguém poderia sentir-se feliz por ter tirado aquilo de um navio a pique numa ilha solitária. Mas é um exercício ainda melhor lembrar-se como todas as coisas passaram por esse salvamento por um triz: tudo foi salvo de um naufrágio.

Naturalmente, este tende a ser o ponto de vista de quem não passa frio por falta de carvão. Mas por isso mesmo Chesterton não é daqueles que

negam a vida terrena, num sombrio apostolado da perfeição espiritual. Um dos seus principais argumentos a favor do catolicismo é que as aparentes contradições da doutrina se adaptam às contradições reais da experiência humana. Mas, acima de tudo, a crença de Chesterton parece nascer de um sentimento de gratidão.

Nesse sentido, Chesterton não prega aos convertidos, como em geral se diz (erradamente, na minha opinião) ser o caso de Richard Dawkins e outros ateus.

Não se dirige aos crentes, e dificilmente persuadirá os descrentes. Ele não escreve para ateus ou religiosos, mas para outro tipo de pessoas: as pessoas felizes. Gostar de seu livro não depende, acho, de adesão intelectual. Mas talvez *Ortodoxia* seja um bom teste para cada um avaliar a sua própria felicidade; e de minha parte seria ingrato omitir que não saí frustrado desse confronto.

**Marcelo Coelho**

*Professor de Jornalismo Cultural nas Faculdades  
Cásper Líbero, em São Paulo, e colunista do  
jornal Folha de São Paulo*



Joseph Pearce, Padre Ian Boyd C.S.B., Márcia Xavier de Brito, Dermot Quinn, Alex Catharino e Danute Nourse, em abril de 2002 na Seton Hall University, EUA



Alex Catharino, Dom Edson de Castro Homem, Márcia Xavier de Brito e Padre Ian Boyd C.S.B., em 3 de outubro de 2007, na Confeitaria Colombo, Rio de Janeiro



Márcia Xavier de Brito, Padre Ian Boyd C.S.B. e Alex Catharino, em 4 de outubro de 2007, na XVIII Semana de Filosofia e Teologia do Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro, na Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro